



DO CENTRO À PERIFERIA: DESLOCAMENTOS LITERÁRIOS

FROM THE CENTRE TO THE PERIPHERY:
LITERARY DISPLACEMENTS

Cristiane Côrtes*

ENTREVISTA POR:

Lorena do Rosário Silva**

* crisfelipecortes@gmail.com

Cristiane Côrtes é graduada em Letras, mestre em Teoria da Literatura e doutora em Literatura Comparada pela UFMG e pós-doutora em Literatura e Diásporas, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal; pesquisadora dos grupos de estudos NEIA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (UFMG), GELLDIS - Núcleo de Estudos Linguísticos, Literários e discursivos (CEFET MG) e Grupo de Pesquisa Educação, Conhecimento e Arte EduCArte. (UNIVAS). É professora efetiva de Literatura e Redação do CEFET MG, campus IX. Coorganizadora dos volumes críticos: *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 1a. ed. Belo Horizonte: Idea, 2016; *Literatura Afro-Brasileira - Abordagens na Sala de Aula*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, entre outros. Dedica-se principalmente à pesquisa sobre Literatura de mulheres, feminismos, Literatura afro-diaspórica, formação de leitores e ensino de Literatura.

** loresilva1809@gmail.com

Lorena do Rosário Silva é graduada em Letras, mestre e doutora em Literaturas Modernas e Contemporâneas pela UFMG, com um breve período no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto, . Participa da Equipe Editorial da revista Em Tese e do Núcleo de Estudos de Exílio e Migração (NEEM/UFMG), no qual também desempenha a função de comunicação interna e externa. Dedica-se a pesquisas que abrangem os seguintes objetos de estudo: movimento, exílio, narrativa, memória e identidade. Além de assinar esta entrevista, Lorena propôs o tema do dossiê e realizou a curadoria da seção de Poéticas.

Primeiramente, gostaria de agradecer a possibilidade de poder realizar essa entrevista em torno da literatura e da mobilidade com a Prof^a Dr^a Cristiane Côrtes, sobretudo por, além de ser o tema central deste dossiê e de outras conversas nossas, estar de acordo com os diálogos contemporâneos acerca dos movimentos migratórios, do fortalecimento de manifestações e interesses ultranacionistas, das tensões entre fronteiras, dos inúmeros contextos de refúgios, do entendimento acerca das questões identitárias, entre outros.

Imigrantes, refugiados, exilados, errantes, deslocados, estrangeiros, expatriados, apátridas, *personas non gratas*, emigrantes, diaspóricos, filhos da diáspora, etc., enquanto léxicos da migração, encontram-se cada vez mais presentes dentro de representações literárias. Dessarte, instaura-se uma demanda crítica de se criar conceitos que estruturem e dialoguem com todas essas questões de mobilidade.

Nesse sentido, a literatura, enquanto espaço de diálogo, contestação e contato, contribui e assume papel de destaque no desenvolvimento e na proposição de reflexões pertinentes e necessárias sobre os trajetos que a

sociedade tem realizado, traçados e em curso, tal qual um “saber em movimento” (Ette, 2016). Por conseguinte, surgem alguns conceitos como “literatura sem morada fixa” (Ette, 2018), “exofonia” (Wright, 2013), “exiliência” (Nouss, 2016) para nomear experiências relacionadas aos diversos deslocamentos vivenciados direta ou indiretamente por pessoas no contemporâneo.

A entrevista que se segue percorre um caminho traçado por motivos muito semelhantes a estações, espaços intermediários e fronteiriços de passagens, que buscam compreender e aproximar literatura e mobilidade, seja por meio do enfoque dos desafios da representação, da potência de revisitar o passado, da observação de um tipo específico de movimento, das diferenças resultantes de múltiplas perspectivas nessa abordagem móvel, nas percepções de tendências fora do eixo cultural, na promoção da dignidade humana e no ensino de literatura.

A vocês que nos leem, fica o convite para acompanhar esse caminho.¹

1. Esta entrevista foi realizada de forma online, transcrita e revisada de modo que pudesse preservar alguns aspectos de oralidade ao mesmo tempo em que se buscava aproximar do discurso formal - logo, é possível entendê-la na fronteira entre os registros.

L.S.: A literatura, para além de corresponder ao desejo mais íntimo de devaneio imaginativo (Candido, 1988), é um direito, principalmente por cumprir uma função social de representação do outro e, dessa maneira, humanizá-lo. A partir desse entendimento, ela retrata as inúmeras possibilidades da experiência humana. Como você observa, na atualidade, o papel da literatura que se destina a abordar os desafios contemporâneos relacionados às migrações?

C.C.: A gente poderia pontuar esse papel da literatura principalmente a partir do que Stuart Hall vai dizer sobre a constituição do mundo do Ocidente, na pós-modernidade: quando começamos a pensar na necessidade de migração, que sempre foi humana e aparece retratada desde os textos bíblicos até os relatos muitos antigos sobre deslocamentos e trânsitos de comunidades e em comunidades em diversas épocas. Hoje, há uma discussão realmente engajada a respeito desses trânsitos e deslocamentos.

A literatura, nesse sentido, vai promover não só a possibilidade de conhecermos esses trânsitos na contemporaneidade, mas de refletirmos sobre o impacto deles. Na minha dissertação, eu estudo o sujeito diaspórico demarcando sua postura intelectual, como um coletor e semeador de cultura, que é o sujeito que tem condição de

carregar com ele a sua bagagem, ligada a suas origens, e que vai deixá-la por onde ele passa.

Para melhor organizarmos o nosso pensamento: se a gente pensar nessa dinâmica do deslocamento e do trânsito de sujeitos que vão sair de um lugar e ir para outro e no que culturalmente isso promove, teremos primeiro uma quebra profunda de um pensamento e de um comportamento hegemônico, que é a evidência de que aquele sujeito está ali e, por consequência, vai fazer com que as pessoas ali naquele local reflitam sobre aquela cultura que está sendo colocada, bem como convivam com as diferenças ali presentes. Então, temos a quebra de um pensamento hegemônico de um lado e o entendimento da riqueza cultural de outro. Por isso, eu falo que o sujeito é um semeador de cultura, porque ele pode deixar ali também as sementes relacionadas a suas origens.

Retomando a pergunta: o texto literário vai, por um lado, informar e trazer a possibilidade de conhecermos novas culturas e de entendermos que existem outras, e, por outro lado, promover a reflexão sobre esses trânsitos e a importância deles – e isso é o exercício da alteridade, que faz parte da constituição da literatura. Portanto, se a gente pensa na literatura como exercício da alteridade, uma literatura reflexiva, no sentido de ser reflexo como

um espelho ou de ser um refletor que confere luz a esses movimentos todos, ela pode promover uma sociedade mais justa, mais compreensiva e mais tolerante.

L.S.: Há um certo movimento contemporâneo de produções que falam sobre trajetos realizados no passado, de maneira a apresentar um outro olhar sobre momentos históricos, como é o exemplo do livro *Um defeito de cor* (Ana Maria Gonçalves), ou de trazer as consequências de um trajeto, como é o exemplo de *O avesso da pele* (Jefferson Tenorio), Ponciá Vicêncio (Conceição Evaristo), entre outros. Esse olhar busca retomar as rédeas dos caminhos pré-estabelecidos e apresentar uma perspectiva diferente; com isso, a literatura se complexifica. A partir desses exemplos, é possível pensar em uma imagem de retorno enquanto processo de cura coletivo através da literatura?

C.C.: Sim. Eu acho que a palavra cura é muito forte. Para além de me lembrar muito a ideia do perdão do Paul Ricoeur, ela é muito mística também, agindo como uma possibilidade de curar no sentido de conseguir retratar uma nova possibilidade de leitura daquele passado historiográfico. Quando Linda Hutcheon discute, por exemplo, sobre a metaficação historiográfica, ela a considera importante por ser uma forma de diálogo com o passado – Walter Benjamin vai falar isso também – não de uma forma anacrônica no

sentido de julgá-lo a partir do presente, mas conseguindo resgatar e olhar para esse passado, tirando dos escombros aquilo que pode trazer uma nova perspectiva sobre ele.

Por que a gente classifica o livro *Um defeito de cor* como metaficação historiográfica? Porque ele vai fazer essa revisão do passado. Ana Maria Gonçalves estudou por anos sobre o Brasil do período colonial: a autora fez uma pesquisa historiográfica, o livro tem referências bibliográficas no final, logo, não há dúvidas sobre o diálogo tecido entre ele e a historiografia oficial. O livro é um romance histórico não só por retratar a história oficial, mas também porque ele vai retratar uma história com um ponto de vista que não é hegemônico - é justamente nesse contexto que observamos a metaficação historiográfica.

A autora escolhe uma protagonista que é uma mulher negra que veio escravizada da costa africana e que vai relatar e retratar, do ponto de vista interno, o que foi o navio negreiro – vou dar spoiler: o estupro, a perda de um filho, entre outros. Ana Maria Gonçalves, dentro de sua intelectualidade e de seu olhar crítico, vai conseguir criar uma personagem que passou por tudo isso e que também teve uma oportunidade de superação incrível: ela virará uma grande empresária, uma mulher influente e participará de revoluções e de revoltas. Então, é uma possibilidade

de cura nesse sentido, porque não é somente evidenciar que houve um genocídio, um desrespeito e uma violência sem medida contra esses povos; para além disso, é mostrar a possibilidade de superação e de como essa cultura e esse povo foram resistindo. Para além dessas questões, é muito importante mostrar as estratégias de poder do opressor e as estratégias de poder de quem estava sendo oprimido para driblar isso.

A metaficação histórica é importantíssima para a gente conseguir estabelecer os processos de cura porque é uma possibilidade de olhar para o passado criticamente. Relevar o passado para compreender, a partir dos escombros, que história foi essa. Que história me foi negada? A Ana Maria Gonçalves faz essa pergunta. Por que essa história não está nos livros oficiais de história? É um processo de cura a partir do momento em que se começa a questionar sobre isso. Por que essa história foi silenciada? Qual a oportunidade que estou tendo ao recontá-la?

Os livros *O avesso da pele* e *Ponciá Vicêncio* vão fazer uma revisão dessa mesma consciência diaspórica, só que abordando o contemporâneo: Ponciá realiza uma travessia também, saindo do interior da sua cidade para ir em direção à cidade grande tentar a vida. No episódio do trem, em que ela, depois o irmão e depois a mãe fazem o

mesmo trajeto, observamos também uma revisão do que foi o navio negreiro. Portanto, para uma intelectual negra, escrever, publicar e ver isso repercutindo também é uma cura. Entende? O processo de recepção dessas obras também é curativo. Como no caso de Jefferson Tenório e o premiado *O avesso da pele*, em que protagoniza a trajetória de um personagem negro que vai vivenciar o luto, dialogando com o pai sobre questões raciais, é um processo de cura também e isso tudo é também um processo de cura coletivo.

Embora se distancie da pergunta inicial, penso que, a título de reflexão, é importante salientar que, hoje, estamos todos por dentro dessa história, temos condição de acessá-la dos escombros e o protagonismo dela é coletivo. Então, para mim, é curativo pensar que Jefferson, Conceição e Ana Maria são autores muito lidos – pessoas que, do ponto de vista da recepção, já são conhecidas assim como o Itamar Vieira, com seu *Torto Arado*. Usando um termo que Deleuze gosta muito: a gente espera um devir melhor a partir do momento em que temos condição de voltar nesse passado e de o reler, jogando luz naquilo que estava perdido nos escombros da história.

É importante lembrar que depois da Lei 10.639/2003 [que torna obrigatório o ensino de história e cultura

afrobrasileira na educação básica] houve uma mudança: apesar de termos ainda uma lei pouco respeitada e as escolas não a terem trabalhado como deveriam, ela gerou uma consequência de ruptura com um silenciamento do passado. Por mais que a resistência seja grande e por mais que a gente ainda tenha um mercado editorial ainda branqueado, hoje em dia, há um olhar mais direcionado para a literatura afro-brasileira. Esse é um passo muito importante e está dentro desse processo de cura do silenciamento.

Quando a gente observa o título daquele conto da Conceição, “Eles combinaram de nos matar e a gente combinamos de não morrer”, percebemos como a literatura retrata a necessidade de sobreviver diante de tanta barbarie. Por consequência, ainda temos que remexer e tirar esses escombros todos, movimentando essa luz que está no lugar errado, para redirecioná-la.

L.S.: Em um dos seus últimos estudos, aparece o conceito de movimento pendular, que possui origem na física, correspondendo ao desenho criado no deslocamento do pêndulo, e faz menção à geografia e suas observações sobre a movimentação humana. Você poderia nos explicar um pouco sobre como esse movimento se observa na literatura e trazer exemplos de livros que poderiam ilustrá-lo?

C.C.: Eu venho trabalhando com a ideia do pêndulo desde o mestrado, como sugestão da Profª Iris Amâncio, que estava na minha banca, quando eu explico sobre a vida de Kehinde, personagem da Ana Maria Gonçalves em *Um defeito de cor*, que vive um movimento pendular.

A equação do movimento oscilatório (pendular), dentro da física, deve ser compreendida do ponto de vista metafórico: há um corpo em queda livre que está ligado a um vínculo e que é empurrado para o outro lado, quando há uma força atuando sobre ele de um lado, e essa mesma força, que atua de um lado, vai atuar do outro lado também. Nesse sentido, essas forças vão estar sempre atuantes, de forma que esse objeto, em queda livre e preso a um vínculo, estará sempre oscilando; por isso, a equação do movimento oscilatório é importante para compreender essa oscilação de um lado para o outro em função dessas forças que atuam sobre o objeto.

Na literatura, ela é utilizada quando estamos nos referindo a personagens que vivem em trânsito. Dando o primeiro exemplo, que é justamente o livro *Um defeito de cor*, a protagonista da Ana Maria Gonçalves, Kehinde, é arrancada de África e, ao chegar no Brasil, junto de todos aqueles sujeitos que passaram pela mesma situação que ela e fizeram a travessia do Atlântico Negro, vê o

solo africano como um lugar ideal: “a África é a minha pátria, a terra mãe”. Portanto, sempre aqui no Brasil há a ideia de que lá é o melhor lugar, o lugar da liberdade: tanto que, quando o filho de Kehinde desaparece, ela tem a certeza de que deve voltar para a costa africana para encontrá-lo.

No entanto, ao voltar para Uidá, ela descobre que seu vínculo estava no Brasil, pois aquele lugar idealizado e tudo o que foi sonhado por ela para encontrar em solo africano não existia e algo continuava faltando, o que fez com que ela precisasse voltar ao Brasil novamente. Esse é o grande dilema do sujeito diaspórico: sempre terá o desejo de voltar para a sua terra-mãe, digamos assim. Só que, ao voltar, ele continua se sentindo deslocado e o que eu chamo de força atuante vai agir dos dois lados. Essa oscilação, presente nos sujeitos diaspóricos, é o que vou chamar de movimento pendular. Sempre haverá uma força que atua: essa força pode ser a saudade, o vínculo familiar, a questão econômica... Cada obra vai trabalhar com uma força.

Uma outra obra em que eu trabalho esse conceito é *Luanda, Lisboa, Paraíso*, da Djaimilia de Almeida Pereira, que é a história de Cartola, o protagonista, com o seu filho, Aquiles, que nasce em Luanda com uma deficiência em seu calcanhar: o filho é manco e tem um problema

congênito, percebido desde o nascimento, e o pai sofre profundamente com o fato de o filho ter “um defeito”. Cartola ouve o conselho de um médico que diz que, em Lisboa, o filho poderá fazer um tratamento, por meio de uma cirurgia, e finalmente andará “corretamente”. São muitas as metáforas envolvidas, mas, só para a gente restringir a questão do pêndulo, destacamos as mais pertinentes: lá em Luanda, Cartola decide que em Lisboa seria o melhor lugar para curar o filho; porém, ao chegar na cidade, eles vão viver uma situação extremamente precária caracterizada por uma vida de total privação e abandono, no subúrbio, em uma região bem afastada da cidade.

Enquanto a Ana Maria Gonçalves vai fazer uma crítica relacionada a esse trânsito colonial, evidenciando a violência e as mazelas que a imposição do pensamento colonialista impõe e faz com aqueles sujeitos, sobretudo no século XIX, a Djaimilia vai trazer essa reflexão no contexto contemporâneo: ela vai denunciar todo um sistema de violência e de opressão que acontece com esses sujeitos imigrantes em Lisboa no tempo atual. Cartola e Aquiles viverão na iminência da volta, uma vez que ficam esperando o momento certo de voltar para Luanda: Cartola irá trocar cartas com a esposa dizendo “em breve retornarei/em breve estaremos juntos”.

Há sempre uma força atuando sobre eles e ela é tão poderosa que, por exemplo, faz com que pai e filho não desfaçam a mala: eles vivem primeiramente em uma pensão e depois eles mudam para a região fictícia chamada Paraíso, que não tem nada de paraíso e é um subúrbio, e eles só viverão o enraizamento quando Justina – filha mais nova de Cartola – vai para Lisboa e arruma a casa deles, porque, até então, nem a mala tinha sido desfeita. Eles viviam ali de forma provisória, porque foram fazer a cirurgia de Aquiles no calcanhar e, depois que estivesse tudo pronto, eles voltariam para Luanda, porém isso não acontece. O final é muito trágico.

Então, da mesma forma como que esse sujeito deslocado acha que o retorno é possível e ele vê na sua terra natal o desejo de ser feliz, a realização da felicidade nunca está onde o sujeito está. A força que atua em ambos os lados é essa necessidade de ser feliz, esse desejo de encontrar a cura; só que, quando há uma força que atua sobre esse corpo levando-o o para o lado de lá, ela vira um ciclo: o corpo não vai parar mais, sempre estará em busca de algo. Desse modo, a mola propulsora desse movimento é a falta. Sempre falta alguma coisa, por isso eles precisam partir em busca de algo mais.

A ideia do movimento pendular é bem ampla e, por mais que eu ande tentado restringi-la, cada vez mais que eu a estudo, percebo que ela é mais ampla ainda. Ela pode acontecer inclusive internamente, por exemplo, como é o caso de um sujeito que vai oscilar entre a loucura e a lucidez: um sujeito extremamente lúcido pode buscar um momento de devaneio como forma de se refugiar dessa lucidez extrema e vice-versa.

Nesse sentido, é preciso ter cuidado com esse conceito, senão tudo vira pêndulo; no entanto, ele basicamente abrange esses sujeitos que passam por movimentos de deslocamento, impulsionados por uma força maior chamada de necessidade de migração – a questão econômica ou a retirada de sua terra – e que, ao chegarem na outra terra, acham que a felicidade deles está no retorno e, ao retornar, descobrem que não pertencem mais àquele lugar, porque esse movimento não traz resoluções diretas às suas necessidades. Portanto, o movimento pendular é essa oscilação entre o estar lá e o estar cá. O texto afro diaspórico vai trazer esse movimento como essência, evidenciando a quebra da hegemonia, porque é a presença do estrangeiro, as vantagens de tê-lo por perto e o olhar dele sobre aquilo que, para as pessoas, era rotineiro e ele se estranha com aquilo que vai ressaltar a importância da diversidade.

L.S.: Escrever sobre movimento é, de certa forma, realizar o desenho de um caminho em tinta. A literatura ocidental apresenta desde os seus primórdios narrativas que propõem com centralidade o deslocamento e seus efeitos, inicialmente caracterizado pela imagem da aventura na representação da viagem (a viagem de retorno de Ulisses em *A Ilíada*) ou como desterro punitivo (o episódio de Adão e Eva no Gênesis bíblico). Para além dessas perspectivas, autores contemporâneos ressaltam o quanto múltiplo pode ser o enfoque direcionado ao tema, assumindo, inclusive, o entendimento de um aspecto até mesmo resiliente e positivo. Nas produções contemporâneas há como mapear essas diferenças de aspecto?

C.C.: Eu acho que o livro da Igiaba Scego, *Minha casa é onde estou*, traz esse mapeamento e é um bom exemplo, porque a autora vai dizer que, à medida em que se está nesse lugar trazido pelo trânsito, esse espaço precisa se tornar casa. Essa leitura, dos processos migratórios e da colonização, não é feita de forma otimista, mas atenta para o seguinte: isto está posto e colocado e é com isto que vou conviver. Logo, é um livro muito interessante, porque narra sobre uma família da Somália, mais especificamente a respeito do ressentimento da família da autora com os italianos, porque a Itália invadiu a Somália.

Scego escreve o livro para elaborar esse pertencimento àquela comunidade italiana, mapeando esse trânsito da família dela até a Itália e dizendo: “olha, se é aqui que eu estou, aqui é a minha casa” – o que é uma forma de rever esse trânsito, esse deslocamento.

E é um pouco o que a Kehinde, personagem do livro *Um defeito de cor*, faz quando ela começa a criar família no Brasil: ela vai casar e vai ter filhos. O mapeamento dessa trajetória de um outro ponto de vista seria a criação de vínculo: ação que tanto a personagem da Igiaba quanto a personagem da Ana Maria Gonçalves vão fazer e que é algo que a *Ponciá Vicêncio*, de Conceição, não consegue fazer, porque ela vai casar, mas não consegue ter filhos na cidade grande. Ponciá se perde e sua mãe vai resgatá-la: ela precisa retornar para a ancestralidade, para o barro, para a terra, para a água, para os olhos de mamãe Oxum. Mais ainda, ela precisa retornar, porque ela só é salva pelo retorno. Então, a criação de vínculo talvez seja uma forma de mapear, principalmente quando a gente pensa na ideia do mapa, de traçar e fincar as rotas, e do marcador que é um vínculo. A criação de vínculo é um marcador positivo do mapeamento, dentro do que a gente está falando de identidades diáspóricas contemporâneas.

L.S.: Dando prosseguimento a pergunta anterior, por estarmos em um país que possui bases eurocêntricas bem firmes, a forma com que escrevemos se aproxima muito do que ocorre em países europeus e norte-americanos. Fora desse eixo, nas suas experiências enquanto leitora de produções contemporâneas, você identifica particularidades no modo como o deslocamento é trabalhado?

C.C.: A literatura afro-brasileira pode ser uma oportunidade de deslocamento do olhar hegemônico ou eurocêntrico para uma visão negrocentrada, esse deslocamento não é necessariamente geográfico quando falamos de “base fixa”, ele é, em grande parte, ideológico. Nesse sentido, compreender a experiência do sujeito deslocado ou marginalizado porque anda à margem da cultura hegemônica é algo que a literatura produzida por pessoas negras é capaz de oferecer.

Exemplos não faltam. Carolina Maria de Jesus, a meu ver, promove esse deslocamento quando mapeia a cidade de São Paulo distinguindo o que é sala de estar, o que é quintal, o que é cozinha e que é o quarto de despejo, sinalizando que ele é a favela. O conto *Pixaim elétrico*, de Cristiane Sobral, é outro exemplo. A construção da narrativa é genial, pois a protagonista narra

seu processo de aceitação das madeixas crespas utilizando uma linguagem ambígua em que a história da colonização se confunde com o processo de alisamento do cabelo imposto pela sociedade. O conto inicia com o relato de uma criança que decide lutar por suas raízes. Ao longo do texto, a narradora conta que, ao tentar fugir da tortura, foi capturada e levou chibatadas por se negar ao processo de branqueamento a que o alisante poderia lhe proporcionar. Aqui, a narradora desloca o discurso da historiografia oficial, em que relatos explicam os mecanismos de tortura impostos às pessoas escravizadas para uma escravidão contemporânea, o padrão de beleza branca. Cuti também vai falar da experiência desse sujeito deslocado no poema *Quebranto*. O conflito do sujeito que luta contra a internalização da ideologia branqueadora quando revela “sou o porteiro não me deixando entrar em mim mesmo”.

L.S.: No século passado, houve um domínio de estudios que enfatizaram e tornaram a memória enquanto tema central, devido aos inúmeros acontecimentos históricos que colocaram em xeque a noção de Estado-nação e soberania. No entanto, nesse século, com a intensa globalização e o contato entre diferentes culturas, surge a necessidade de se desenvolverem trabalhos sobre as movimentações - ação que cunha o termo “poética do

movimento” (Ette, 2016). Como essa nova poética pode servir de elo e de caminho para a promoção da dignidade humana por meio da literatura?

C.C.: Para responder a isso a gente precisa voltar àquela primeira pergunta: Édouard Glissant, ao falar da poética da relação, aponta um pouco desse caminho, no livro *Introdução a uma poética da diversidade*, quando fala da crioulização, ele aponta para uma perspectiva mais humana das relações, sobre em que medida a literatura vai sensibilizar e vai promover um outro olhar sobre essas subjetividades.

Voltando à metáfora dos escombros de Benjamin, a gente estava falando de lugares e de fatos históricos que precisam ser iluminados, certo? Nessa pergunta, poderíamos falar sobre jogar luz nos sujeitos historicamente silenciados. A Profª Constância Lima Duarte, em um projeto nosso chamado “Memorial do memoricídio”, faz isso: o memorial é uma pesquisa, que já está no terceiro volume, em que é feito um levantamento de mulheres que foram apagadas ou esquecidas pela história da literatura e que, neste último volume, abrange também mulheres de outras áreas.

O que é o memoricídio? É o assassinato da memória dessas mulheres que tiveram um papel importante

– foram grandes intelectuais e escritoras – e que estão completamente esquecidas, como aconteceu com Maria Firmina dos Reis por muitos anos e décadas. Então, se a gente for pensar no memoricídio ligado à cultura periférica ou aos sujeitos da afro diáspora, a literatura é uma forma de protagonizar, de sensibilizar esses sujeitos que, até então, não eram protagonistas.

Ao observar a história da literatura no Brasil, no Romantismo, por exemplo, percebemos que Maria Firmina foi completamente excluída da historiografia literária; ou quando pegamos como exemplo o texto de José de Alencar, aquela peça de teatro *O demônio familiar*, que é a história de uma pessoa escravizada que ganha liberdade e vai destruir a família e se vingar... Veja quando e como o protagonismo negro aparece.

Alguns anos depois, também temos o exemplo de Monteiro Lobato, com a personagem da Tia Anastásia, que também mostra subalternização do sujeito negro na literatura. Quando a gente analisa o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, a personagem Negrinha não tem nada, somente uma tristeza de viver que a leva à morte. Então, você vê a construção de uma personagem absolutamente objetificada. Ao contrastar com o conto *Negrinha, Negrinha, Negrinha*, da Ana Maria Gonçalves, publicado na

coleção “Uns e outros” da TAG - Experiências Literárias, a autora vai colocar como protagonista uma menina na escola, que é negra e adotada por pais brancos. A mãe descobre que a menina vinha sofrendo *bullying* terrível na escola: colegas de sala a obrigaram a engolir um ovo inteiro, porque leram na estória do Monteiro Lobato que a Negrinha tinha passado por isso.

O conto é a discussão do pai e da mãe sobre as instâncias de racismo que essa menina vinha sofrendo e que eles não estavam sabendo, porque eles pensavam que, por serem pais brancos e terem uma condição financeira muito boa, ela ficaria livre disso. É interessante pensar nessa questão da poética da relação e em como a Ana Maria Gonçalves vai trazer para o seu discurso literário o Monteiro Lobato com toda essa objetificação da Negrinha e a discussão muito contemporânea sobre os problemas do racismo estrutural da escola. Ela vai colocar ali em diálogo os dois lados da moeda, as duas questões, evidenciando, dentro de seu texto literário, o problema que é um texto como o *Negrinha* e sobre o impacto de lê-lo na escola sem nenhuma problematização. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira vai promover essa poética, uma interface com o olhar sensível diante de questões graves como o racismo estrutural.

L.S.: O dossiê que publicará essa entrevista é intitulado “Entre andanças e movenças: a literatura de viagens, exílios e migrações” e parte da vontade e necessidade de se pensar a literatura a partir do encontro, esse movimento que coloca em contato o eu e o outro. Ainda que o enfoque no ensino de literatura não seja mencionado, gostaria de te perguntar sobre como você considera importante a abordagem desse tema na literatura em sala de aula e quais os desafios e potencialidades que enxerga ao se abordá-lo?

C.C.: É muito interessante essa pergunta porque a ideia da literatura sobre deslocamento está muito presente desde o início dos conteúdos, quando a gente estuda, por exemplo, no 1º ano do Ensino Médio, o Quinhentismo, lendo a *Carta de Pero Vaz de Caminha* - texto de um sujeito que está em trânsito e que chega em uma nova terra. Os relatos de viagem constituem o tema de viagens, que está também inserido no conteúdo do Ensino Médio. No estudo da geração de 30, a questão dos imigrantes e do movimento migratório brasileiro retratadas em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, está em evidência, e a gente estuda os quadros de Cândido Portinari em que essa temática aparece. No próprio *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a questão da viagem e do deslocamento está muito presente também.

A formação da nossa cultura fatalmente envolve o trânsito: no estudo da literatura da década de 70, com o movimento da tropicália e a literatura marginal, o exílio está muito presente, por meio dos sujeitos exilados, da cultura brasileira e da música. Quantos poetas, quantas pessoas exiladas, quanta literatura escrita no exílio aparece? Então, isso está muito presente, mas não é muito sistematizado enquanto uma disciplina, por exemplo. Nos estudos acadêmicos isso acontece, só que existe um fosso enorme entre o que se estuda na academia e o que se aprende no Ensino Médio, principalmente quando se trata da disciplina de Literatura.

O currículo do ensino de Literatura, muitas vezes, ainda responde à arcaica história de literatura que tem acontecimentos históricos originalmente europeus como ponto de partida. A discussão, por exemplo, sobre exílio, diáspora e migração, quando a gente pensa nos movimentos migratórios seja dos povos indígenas que precisaram migrar para o interior para fugir do genocídio português, seja do imigrante nordestino que migra para São Paulo e vai para a região Sudeste para fugir da fome e da seca, não chega a ser matéria de Literatura e poderia ser, porque é parte constituinte da nossa cultura.

Os deslocamentos são típicos da cultura brasileira e, quando a gente fala que a nossa cultura é a do hibridismo, misturada e miscigenada, não estudamos os movimentos migratórios e diáspóricos como formação dela. Logo, isso fica como um apêndice, algo completamente deslocado do que seria uma maneira de compreender a nossa formação cultural. A questão não é somente pedir aos alunos para lerem sobre literatura de viagem, e sim problematizar em como os movimentos são abordados nos textos literários. Por exemplo, *Ponciá Vicêncio* poderia ser problematizado a partir da necessidade de deslocamento para a cidade grande a fim de encontrar melhores condições para se viver.

[comento sobre O avesso da pele e o trajeto interno]

Tem muito material. Se a gente pegar a frase de Rodrigo S. M, narrador de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que diz que escreverá sobre a “história de uma mulher numa cidade toda feita contra ela”, o que é isso do ponto de vista do deslocamento? A pessoa sai da sua terra em direção a uma terra que é descrita pelo narrador como um lugar todo feito contra ela. O que é que implica as questões ligadas ao trânsito? A ideia de deslocamento, pertencimento, acolhimento. O meu olhar diante daquele lugar e o olhar daquele lugar para mim.

[comento que até mesmo a morte de Macabéa é trazida pelo movimento, com o atropelamento]

Tem que parar essa mulher, porque, agora que ela entendeu quem que ela é e qual o seu poder, ela tem que morrer. Em diálogo, Conceição Evaristo escreve o conto *Flor de mulungu* para falar que não, que Macabéa não morreu. Conceição concebe Macabéa como uma flor de mulungu, flor vermelha e grande que seca completamente no inverno a ponto de parecer que está morta. Então, ela fala: Macabéa não morreu. Macabéa morreu para aquela realidade em que ela vivia na negação. Na verdade, ela termina a relação com Rodrigo e vai florescer em uma outra forma. Mais uma vez, podemos observar nesse exemplo a literatura afro-brasileira revisitando o cânone. O que Clarice vai fazer? Clarice vai colocar a figura de um narrador homem para falar de uma mulher completamente deslocada.

Macabéa não tem voz e vai ser narrada com aquilo que, na minha tese, eu chamo de silêncio da negação – ela é narrada a partir daquilo que ela não tem e a partir do que ela não é. A construção daquela personagem é na negação.

[falo sobre o olhar do colonizador e da Carta de Pero Vaz de Caminha]

Então é esse olhar do não ter roupa, aquele que só enxerga o que falta. O olhar de Rodrigo para essa mulher que está completamente deslocada e está deslocada da narrativa: ele vai olhá-la de uma forma extremamente objetificada e distanciada. Há uma reflexão super importante sobre quem ela é e o que ela representa para ele – um olhar bem eurocêntrico do homem branco letrado sobre uma mulher nordestina que está deslocada ali naquela cidade. Portanto, Conceição vai reler essa mulher e vai dizer que, na verdade, é o seu narrador que pouco sabia sobre ela e que, diante daquela impossibilidade dele em conhecê-la, ele vai matá-la e silenciá-la, no sentido de expressar que “já que eu não sei quem é ela, eu prefiro dizer que ela não é nada”. Ele não se interessa por ela. Ele não vê nada ali que possa ser digno de matéria literária. Ele não vai ver ali nada a não ser a pobreza.

Voltando à questão do ensino da literatura do deslocamento, é rico trabalhar a relação desse narrador de Macabéa: o olhar desse homem sobre essa mulher deslocada e a falta de sensibilidade dele diante desse trânsito em que Macabéa vive. Para o aluno, estar diante de uma realidade como essa e poder criar empatia e entender como é grave subjugar alguém como o Rodrigo faz com Macabéa, é muito interessante.

O exercício da docência, associado a textos literários de qualidade que trazem essa questão do trânsito, é muito importante para a gente compreender a nossa formação como cultura. Uma cultura que é híbrida. Fala-se tanto da nossa cultura miscigenada, mas não se estuda isso sob o ponto de vista da construção estética e nem de forma crítica – a gente não faz essa leitura do Rodrigo como esse sujeito que está falando de uma imigrante, pois estudamos o romance como uma grande obra do pós-modernismo ou o último romance que Clarice Lispector escreveu quando era viva. Logo, o ensino da literatura por meio do historicismo vai ser reducionista. E não muda, porque a gente aprende e ensina assim. Fazer essa mudança demanda muito trabalho.

[falo sobre os livros didáticos do Ensino Médio e a proposta dos itinerários]

Os livros didáticos de 2022 para cá têm trazido uma proposta temática que tem a viagem como um dos temas, mas ainda é reducionista, porque não é uma viagem como uma leitura crítica do trânsito enquanto essência da nossa cultura e nem uma leitura crítica da diáspora e da possibilidade de descolonizar um eixo eurocêntrico. Ainda estamos distantes de um ensino de literatura que critique a colonização. O ponto de partida do Ensino

Médio é a Europa. Embora a gente tenha literaturas que já saiam desse eixo, como falado no tópico anterior, dentro da escola isso é o cânone, que é europeu, porque, por mais que estudemos autores brasileiros, o ponto de partida é a Europa. O romantismo brasileiro foi iniciado em 1936 com *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães, na França... há muito a ser feito.